

**FERREIRA GULLAR E CUTI: MÍDIAS, LITERATURA E RACISMO  
NOS ESPAÇOS EM DISPUTA****Ferreira Gullar and Cuti: Media, Literature and Racism in the spaces in dispute**Ricardo Silva Ramos de Souza<sup>1</sup>**RESUMO**

O presente artigo analisa o embate de ideias em textos dos escritores Ferreira Gullar, “Preconceito cultural”, e Cuti, “A empáfia de Gullar”, sobre a literatura brasileira e a produção de autorias negras. A abordagem concentra-se, a partir das diferentes percepções sobre a literatura e o racismo na sociedade brasileira desses dois intelectuais, na análise das mídias em que esses textos foram publicados e a recepção do público conforme Patrick Charaudeau (2009), na análise do discurso segundo Mikahil Bakhtin (FIORIN, 2008), e como o racismo atua de forma transversal nas relações étnico-raciais, identidade e memória brasileiras, de acordo com Kabengele Munanga (2008) e Stuart Hall (2011), e como os corpos negros rasuram os discursos oficiais. Por fim, o artigo pretende estimular a reflexão de como os discursos hegemônicos buscam manter os seus privilégios enquanto, por outro lado, os grupos subalternizados procuram meios para mostrar as diferenças e o pluralismo da sociedade brasileira.

**Palavras-Chave:** Ferreira Gullar; Cuti; literatura brasileira; racismo.**ABSTRACT**

This article analyzes the clash of ideas in texts by the writers Ferreira Gullar, “Cultural Prejudice”, and Cuti, “A empafia de Gullar”, about Brazilian literature and the production of black authors. The approach focuses, from the different perceptions about literature and racism in Brazilian society of these two intellectuals, on the analysis of the media in which these texts were published and the public reception according to Patrick Charaudeau, on the analysis of the discourse according to Mikahil Bakhtin and how racism acts transversally in ethnic-racial relations, identity and Brazilian memory, according to Kabengele Munanga and Stuart Hall, and how black bodies erase official discourses. Finally, the article intends to stimulate reflection on how hegemonic discourses seek to maintain their privileges while, on the other hand, subaltern groups seek ways to show the differences and pluralism of Brazilian society.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5895-6046>; [risoatlie@gmail.com](mailto:risoatlie@gmail.com)

**Keywords:** Ferreira Gullar; Cuti; Brazilian literature; racism.

## 1. Introdução

Em 4 dezembro de 2011, um artigo do colunista Ferreira Gullar, publicado na “Folha de São Paulo”, intitulado “Preconceito cultural”<sup>2</sup>, causou polêmica no meio literário brasileiro, pois abordava o reconhecimento ou não da existência de uma “literatura negra brasileira”. Quatro dias depois, o texto de Gullar gerou um artigo contrário de Luiz Silva, o Cuti, representante da referida “literatura negra brasileira”, no portal “Geledés – Instituto da Mulher Negra”, chamado de “A empáfia de Gullar”<sup>3</sup>.

Esta polêmica motivou-se pelo sucesso de público e crítica quando do lançamento da antologia *Literatura & Afrodescendência no Brasil*, organizada por Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca, durante o mês de novembro daquele ano. A antologia, sob a chancela da Editora da UFMG, recebeu cuidado gráfico requintado em quase duas mil páginas distribuídas em quatro volumes. A sua construção obteve a participação de 61 pesquisadores brasileiros e estrangeiros de 21 universidades brasileiras e seis do exterior. Toda essa equipe foi responsável por um amplo levantamento de cem escritores negros brasileiros com ensaios críticos e conjunto de excertos, cobrindo um amplo espaço temporal iniciado no século XVIII. Por causa da dimensão da antologia e pela vertente literária contemplada, tornou-se um “acontecimento” o seu lançamento, ocupando locais nobres da elite intelectual como o Teatro Machado de Assis da Biblioteca Nacional (RJ), assim como a recepção de extenso e inédito espaço nos cadernos literários dos principais jornais do país, tal como no caderno “Prosa e Verso” do jornal *O Globo*, o maior do Rio de Janeiro, do dia 5 de novembro de 2011, que dedicou a capa e mais duas páginas inteiras para a antologia.

Este artigo pretende, a partir da polêmica entre Ferreira Gullar e Cuti, analisar como o racismo presente na sociedade brasileira recebe diferentes tratamentos de acordo com o alcance de público a ser atingido pelas duas mídias supracitadas, porém nos seus canais de internet, dentro de um contexto de disputa de identidade e de memória, a partir dos conceitos sobre as mídias desenvolvidos por Patrick Charaudeau (2009). Em outra etapa, pretende-se realizar a análise dos discursos de Gullar e Cuti baseando-se no conceito de dialogismo de Mikhail

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/12790-preconceito-cultural.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/25\\_Ricardo%20Silva%20Ramos%20de%20Souza.pdf](https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/25_Ricardo%20Silva%20Ramos%20de%20Souza.pdf). Acesso em: 13 mar. 2023.

Bakhtin (FIORIN, 2008), entrelaçando-o com as considerações de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2005) e Kabenguele Munanga (2008) a respeito do racismo no Brasil, entre outros ensaístas como Stuart Hall (2011) e Carlos Moore (2012).

## 2. Os autores Ferreira Gullar e Cuti

Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira, nasceu no dia 10 de setembro de 1930, em São Luiz (MA). Em 1951 passa a viver no Rio de Janeiro, trabalha como revisor em revistas do porte d'*O Cruzeiro* e *Manchete*, do jornal *Diário Carioca* e torna-se o editor do *Suplemento Dominical* (1956-1961), um caderno do *Jornal do Brasil*. Muito próximo das vanguardas artísticas, atua no movimento concretista e rompe com este ao ser um dos fundadores do Neoconcretismo e autor do *Manifesto Neoconcreto* (1959). O livro de poesia *A luta corporal* (1954) é um marco desse período. Em 1961, assume a direção da Fundação Cultural de Brasília. Em seguida, abandona os experimentalismos das artes e aproxima-se do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Nesse período, sua poesia assume a literatura de cordel e a postura de engajamento político e social em que João Boa-Morte, cabra marcado para morrer é um exemplo dessa época. Nos anos seguintes, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro, escreve peças para o teatro, é preso e parte para o exílio em 1971. Quatro anos depois, escreve a sua grande obra, *Poema Sujo* (1976). Além de vários prêmios no Brasil e no exterior, em 2010, ganha o Prêmio Luís de Camões, o mais importante prêmio literário da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Sua vasta obra engloba poesia, ensaio, tradução, teatro e crítica de arte. Ferreira Gullar é um cânone da literatura brasileira.

Luiz Silva, o Cuti, nasceu em Ourinhos (SP), em 31 de outubro de 1951. Formou-se em Letras pela USP em 1980, depois se tornou Mestre e Doutor em Letras pela UNICAMP. É uma referência no movimento social negro contemporâneo. Atua como poeta, ficcionista, dramaturgo e crítico literário. É um dos fundadores e mantenedores da série *Cadernos Negros* de 1978 a 1993; também fundador do coletivo Quilombhoje Literatura em 1980. Atuou no *Jornegro*, órgão da extinta Federação das Entidades Afro-brasileiras do Estado de São Paulo. Dentre suas publicações individuais, destacam-se *Poemas da carapinha* (1978), *Negros em contos* (1996), *Negroesia* (2007) e *Contos crespos* (2009). Além da participação em diversas edições de *Cadernos Negros*, *Axé: antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (organização de Paulo Colina, 1982), *A razão da chama* (organização de Oswaldo de Camargo, 1986), *Literatura e Afrodescendência no Brasil* (organizada por Eduardo de Assis Duarte, 2011), assim como em antologias no estrangeiro, casos de *Schwarze poesie – Poesia negra* (antologia em alemão-português organizada por Moema Parente Augel, 1988), *Callaloo –*

*African Brazilian Literature: a special issue* (antologia em inglês organizada por Charles H. Rowell, 1995). Na área de ensaio destacam-se os livros *A Consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e Lima Barreto* (2009) e *Literatura negro-brasileira* (2010). Cuti tem ensaios em diversas publicações e é considerado um dos principais nomes da literatura negro-brasileira.

### 3. **A Folha de São Paulo e o Geledés – Instituto da Mulher Negra**

A *Folha de São Paulo* surge no ano de 1960 a partir da fusão dos jornais *Folha da Noite* (1921), *Folha da Manhã* (1925) e *Folha da Tarde* (1949). Pertencente ao Grupo Folha<sup>4</sup>, o jornal está ao lado d’*O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *Correio Brasiliense*, como um dos mais influentes do Brasil. Sua circulação impressa ultrapassa os 290.000 exemplares diários. Na sua versão para internet, inserida no portal UOL, encontram-se versões da *Folha* para os idiomas espanhol e inglês. Em redes sociais como o Facebook, a *Folha de São Paulo* ultrapassa a marca de cinco milhões de seguidores. O Grupo Folha tem como objetivo tornar-se o mais influente grupo de mídia do país ao produzir informação com credibilidade e transparência conforme seus princípios editoriais, calcados na postura independente, com espírito crítico, pluralismo e apartidarismo, e assim contribuir para o desenvolvimento da democracia e da cidadania brasileira. Dentre os seus princípios e valores estão o compromisso com o leitor, a ética, a defesa da liberdade de expressão e o respeito à diversidade<sup>5</sup>. No seu quadro de colunistas, além de Ferreira Gullar, encontram-se jornalistas, intelectuais e personalidades de destaque no cenário nacional, tais como Elio Gaspari, Juca Kfourri, Ruy Castro e Mônica Bergamo.

O *Geledés – Instituto da Mulher Negra* foi criado em 30 de abril de 1988. Trata-se de uma organização da sociedade civil que defende mulheres e negros por compreender que esses dois segmentos sociais sofrem maior discriminação em razão do racismo e do sexismo presentes na sociedade brasileira. Também age contra outras formas de discriminação que atingem os homossexuais e preconceitos de credo e de classe social. Espaço de defesa da “cidadania e dos direitos humanos, e a denúncia permanente dos entraves que persistem para a concretização da justiça social, a igualdade de direitos e oportunidades em nossa sociedade”<sup>6</sup>. O *Geledés* incentiva pesquisas e estudos sobre a discriminação racial, defende políticas de ação afirmativa como forma de eliminação da desigualdade racial e de acesso à oportunidade da população negra; mantém publicações e projetos próprios ou em parcerias com outras organizações de

---

<sup>4</sup> No Grupo Folha constam jornais como *Agora* e *Valor Econômico*; revistas como *Guia Folha* (discos, livros e filmes) e *PubliFolha*; distribuidoras e gráficas como *TransFolha* e *FolhaGráfica*; na Internet, os serviços do portal UOL, BOL, Livraria da Folha e Boa Compra; e serviços como *Acervo Folha*, *DataFolha* e *Banco de Dados Folha*.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/objetivo.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

defesa dos direitos civis. Com estrutura e suporte financeiro inferior, a atuação do *Geledés* nas redes sociais como o Facebook consta um pouco mais de 628.000 seguidores. Neste Portal, os colonistas são intelectuais ligados aos movimentos sociais e às causas apoiadas por ele, dentre outros, destacam-se Sueli Carneiro, Cidinha da Silva e o próprio Cuti.

Os propósitos de cada mídia apresentada e a distância de alcance das vozes envolvidas, tanto a dos autores quanto as das mídias, possibilitam a análise de como estas atuam no combate ou permanência do apagamento da população negra como sujeito de sua história e a manutenção dos estereótipos impostos pelo senso comum, apoiado por valores simbólicos enraizados ao longo dos anos na sociedade brasileira. A questão que pode ser feita é: como a *Folha* e o *Geledés* atuam no combate à discriminação das pessoas negras? A polêmica entre Ferreira Gullar e Cuti pode oferecer pistas dos diferentes papéis que as mídias assumem nesse processo.

#### 4. As mídias

O lançamento de *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011) foi um acontecimento que virou tema da coluna dominical de Gullar. Segundo o ensaísta francês Patrick Charaudeau (2009),

o acontecimento nasce, vive e morre numa dialética permanente da ordem e da desordem, dialética que pode estar na natureza, mas cuja percepção e significância dependem de um sujeito que interpreta o mundo (CHARAUDEAU, 2009, p. 99).

Este acontecimento enquadra-se no que Charaudeau (2009) caracteriza como “processo evenemencial”, preenchendo os três itens necessários para tal: a modificação, a percepção e a significação. Modificação porque causou um estremecimento na ordem estabelecida e provocou um desequilíbrio nos elementos fundantes desta ordem. O espanto de Ferreira Gullar (2011) é latente: “De alguns anos para cá, passou-se a falar em literatura negra brasileira para definir uma literatura escrita por negros ou mulatos. Tenho dúvidas da pertinência de uma tal designação.” O que provocou Gullar a perceber a modificação que estava acontecendo, ou segundo Charaudeau (2009), a “desordem num estado de ordem (...), que alguém perceba o que, nele, provoca o efeito de ‘saliência’ na uniformidade do mundo” (CHARAUDEAU, 2009, p. 100). Esse teórico compreende que a significação dessa modificação “de um ato de intervenção deste sujeito que atenda a um novo desejo de reorganização do mundo, através de uma recategorização semântica”. Charaudeau (2009) chama a isto de *pregnância*, pois é por meio desta que o sujeito tentará racionalizar, compreender o que está acontecendo, o que veio para manter ou modificar a ordem pré-estabelecida. É por meio do “insólito”, para um determinado sujeito, no caso Gullar, que no processo evenemencial, os “efeitos de

desequilíbrio, de saliência e de pregnância são solidários e intimamente ligados numa relação dialética” (CHARAUDEAU, 2009, p. 101). Entretanto, para Gullar (2011): “infelizmente, na literatura, essa discriminação começa a surgir. (...) Falar de literatura brasileira negra não tem cabimento”.

Por que Ferreira Gullar é enfático ao negar uma literatura negra brasileira? Quais os motivos de sua resistência? Qual a relação do seu discurso com o discurso da *Folha de São Paulo*?

A ensaísta Regina Dalcastagnè (2012) sinaliza que “todo espaço é um espaço em disputa” e a literatura é um território contestado, pois se situa num jogo de tensão e conflito entre aqueles “que não estão dispostos a ficar em seu devido lugar e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 7). O discurso de Ferreira Gullar (2011) marca o lugar da fala, da legitimidade e da autoridade de quem fala e em nome de quem fala. O colunista expõe um problema da literatura brasileira: o da representação, tanto na literatura quanto nas posições de destaque da sociedade brasileira. Não há espaço para o negro na literatura canônica. Representar é falar em nome de outro e quando Gullar determina que não há cabimento, ele está impondo o seu discurso, porque ele é a voz capaz, de maior competência e de esclarecimento no que diz respeito à literatura. Para Michel Foucault (1996),

em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Sendo assim, se a produção do discurso é controlada, por que o discurso de Ferreira Gullar encontra-se na *Folha de São Paulo*?

Para Patrick Charaudeau (2009), a análise de discurso propõe uma interpretação que procura descobrir o que está oculto nas informações das mídias, uma vez que “os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade” (CHARAUDEAU, 2009, p. 29). Este teórico percebe as representações como essenciais para a construção das trocas sociais e dos discursos criados por essas trocas, que revelam desejo de uma maioria, criam normas e produzem sistemas de valores (CHARAUDEAU, 2009, p. 47). Para concretizar isso, as mídias levam em consideração a posição social de quem informa, do papel exercido na situação de troca, de sua representatividade para o grupo de que é porta-voz e o grau de engajamento que manifesta de acordo com a informação passada. O caso de Gullar é exemplar, porque, seguindo as ideias de Charaudeau, ele tem notoriedade e é reconhecido como poeta e

ensaísta da literatura brasileira. Com isso, explicita seu grau de engajamento de modo convicto e parcial, por se tratar de uma voz legitimada e com credibilidade (CHARAUDEAU, 2009, p. 52-54).

Ferreira Gullar (2011) defende o cânone literário brasileiro. Nesse sentido, a *Folha de São Paulo*, do Grupo Folha, que pretende ser o mais influente grupo de mídia do país, teria interesse que novas vozes, até então subalternizadas, alcançassem mais espaços, ampliassem e dividissem visibilidade? Há interesse da *Folha de São Paulo* em alterar o contexto social brasileiro? Charaudeau aponta que as mídias trabalham com três lógicas: a econômica, a tecnológica e a simbólica. Esta última seria a mais importante porque é a “máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores” (CHARAUDEAU, 2009, p. 17) e que “faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2009, p. 21).

Sendo assim, não haveria interesse por parte da *Folha de São Paulo* de alimentar uma “tensão racial” no país, pois o melhor é manter os “discursos autorizados” e ignorar as vozes contradiscursivas. O escritor e ensaísta Cuti afirma ter enviado o texto “A empáfia de Gullar” para a *Folha*, mas esta não o publicou<sup>7</sup>. Isto poderia ser uma contradição para um jornal que nos seus princípios e valores demarca o respeito à diversidade?

## 5. O dialogismo de Bakhtin

O conceito de dialogismo, do teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), pode contribuir para a análise dos discursos de Ferreira Gullar e da *Folha de São Paulo*. Para Bakhtin, o dialogismo perpassa por três eixos: a unicidade do ser (a circunstância que viveu e a experiência vivida) e do seu evento (condições objetivas do diálogo social, ou seja, o mundo da sociedade); as relações dialógicas (eu/outro); e as dimensões axiológicas (valores morais, éticos, religiosos etc. que perpassam por toda linguagem).

Todos os enunciados são dialógicos. Sendo assim, todo enunciador constrói seu discurso baseando-se no do outro, também incluído no seu, uma vez que “todo o discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio” (FIORIN, 2008, p. 19). Com isso, todo discurso está voltado para outros que o circundam. Todos os enunciados possuem autor e

---

<sup>7</sup> No blog Literatura Subversiva, Cuti diz que “Eu já respondi no artigo ‘A empáfia do poeta Gullar’, que enviei à Folha de São Paulo. Ao que eu sei eles se negaram a publicar”. Disponível em: <http://litsubversiva.blogspot.com.br/p/entrevistas.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

com isso revelam uma posição, portanto, não são neutros, assim como a realidade. Todo enunciado tem um destinatário, é dirigido a alguém, a um outro.

O primeiro conceito de dialogismo diz que todo enunciado é dialógico, “diz respeito ao modo de funcionamento da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (FIORIN, 2008, p. 30). Todo enunciado incorpora outras vozes, pelo menos duas. Todo enunciado é heterogêneo. Assim sendo, existe uma relação infinita de enunciados com diversas dinâmicas e tensões sociais e históricas. Segundo Bakhtin,

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto.

A relação contratual com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo fazem-se do ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais. Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. (FIORIN, 2008, p. 25)

Bakhtin, porém, aponta a diferenciação entre as vozes sociais e individuais. Ele mostra que a maioria dos enunciados dos indivíduos são sociais e que, em seguida, direcionam-se não apenas a um destinatário, mas a um superdestinatário, que varia de lugar para lugar, época para época, e que pode ser a Igreja, o partido político, a ciência etc.

Bakhtin frisa que o sujeito, ao assinalar que este não está completamente dominado pelas relações sociais, é inacabado, tanto pode ser social quanto individual. Ou seja, dentro da utopia bakhtiniana deve-se resistir a todo processo centrípeto e centralizador. O sujeito deve ser subversivo a isso, deve ser centrífugo. As forças centrípetas são vozes autoritárias, impermeáveis, resistentes a inovações, fechadas, ptolomaicas, enquanto as forças centrífugas são vozes permeáveis a outras vozes, hibridizadas, reflexivas, abertas, móveis, galileanas.

Além disso, ele destaca que não há neutralidade nas vozes, pois não circulam fora do exercício do poder.

O segundo conceito de dialogismo menciona o dialogismo composicional ao tratar da incorporação, por parte do enunciadador, da voz ou vozes de outro(s) no enunciado. Essa forma de absorver o discurso alheio no enunciado pode se dar através do discurso objetivado, que é demarcado de maneira nítida, ou pelo discurso bivocal em que não há separação nítida do enunciado citante e do citado. No discurso objetivado encontram-se: discurso direto livre, discurso indireto, aspas, negação; já no discurso bivocal estão: discurso indireto livre, polêmica clara ou velada, paródia, estilização.

O terceiro conceito de dialogismo leva em consideração a subjetividade, já que esta é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. O sujeito age em relação



aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Ou seja, o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação (FIORIN, 2008, p. 55).

Para Bakhtin (FIORIN, 2008), a consciência constrói-se na história, na sociedade, com isso, a constituição de mundo é apreendida e situada historicamente, sempre. Como a realidade é heterogênea, o sujeito é formado por várias vozes sociais, portanto, o sujeito é dialógico. Vozes estas que estão em concordância ou discordância. Sendo assim, o mundo está sempre inacabado, em um permanente estado de vir a ser. Nesse processo, as vozes podem ser centrípetas ou centrífugas. Dessa forma, para Bakhtin:

Sendo a consciência sociossemiótica, ou seja, formada de discursos sociais, o que significa que seu conteúdo é sócio, cada indivíduo tem uma história particular de constituição de seu mundo interior, pois ele é resultante do embate e das inter-relações desses dois tipos de vozes (FIORIN, 2008, p. 56).

Bakhtin conclui que o mundo interior do indivíduo possui uma dialogização da heterogeneidade de vozes sociais, acrescenta que os enunciados são ideológicos, visto que eles nunca estão desvinculados da realidade social. O sujeito é social e singular. Ele é um evento único. A realidade é centrífuga, aberta.

A partir de Bakhtin pode-se detectar que os discursos de Ferreira Gullar, por conseguinte, da *Folha de São Paulo*, representam o superdestinatário, a força centrípeta e centralizadora resistente à renovação e à mudança.

Entretanto, ao analisar o artigo de Cuti, percebe-se que o enunciatador, para constituir o seu discurso, leva em conta o discurso de outrem. O enunciado é dialógico e heterogêneo, pois revela a posição do sujeito e aquele o qual se opõe, portanto, divergente e polêmico diante de “esdrúxulos pitacos de quem demonstra sua completa ignorância do assunto, má vontade e racismo crônico” (CUTI, 2011). O artigo de Cuti expõe o ataque ao superdestinatário, no caso o cânone da literatura brasileira, pois, “[q]uanto a existir ou não literatura negro-brasileira, deixemos de hipocrisia. No mundo da cultura só existe o que uma vontade coletiva, ou mesmo individual, diz que sim e consegue vencer aqueles que dizem não” (CUTI, 2011).

Para Cuti, a existência de uma literatura negro-brasileira se dá em razão de afirmar o processo de resistência da comunidade negra, que utilizou este termo nas suas principais reivindicações ao longo da história antirracista:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve

estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestações reivindicatórias apoia-se na palavra ‘negro’ (CUTI, 2010, p. 44).

Com isso, sua voz contradiscursiva depreende a subjetividade à qual Bakhtin se refere, pois o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Percebe-se a consciência construída em relação à história e à sociedade. O sujeito é dialógico porque é formado por várias vozes sociais. Na disputa pelo poder, o mundo encontra-se inacabado, em um permanente estado de vir a ser. Logo, Cuti (2011) rebate Gullar quando este desacredita que a polêmica da existência de literatura negra “vá muito longe, uma vez que é destituída de fundamento” (GULLAR, 2011). Assim, Cuti contrapõe dizendo que:

é o simples reflexo da baixa expectativa de êxito que a maioria dos brancos tem em relação aos negros, resultado dos preconceitos inconfessáveis, passados de geração para geração, para minar qualquer ímpeto de autodeterminação da população negra. (CUTI, 2011)

O poeta negro-brasileiro vale-se da insubmissão aos discursos oficiais, ao mesmo tempo é um sujeito individual e social em um mundo inacabado. Vale-se da sua força centrífuga para desestabilizar a força centrípeta que exclui outras vozes.

Deslocar os discursos oficiais vai ao encontro do que o filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2011) sinaliza como pluriversalidade:

Considerando que “universal” pode ser lido como uma composição do latim unius (um) e versus (alternativa de...), fica claro que o universal, como um e o mesmo, contradiz a ideia de contraste ou alternativa inerente à palavra versus. A contradição ressalta o um, para a exclusão total do outro lado. Este parece ser o sentido dominante do universal, mesmo em nosso tempo. Mas, a contradição é repulsiva para a lógica. Uma das maneiras de resolver essa contradição é introduzir o conceito de pluriversalidade (RAMOSE, 2011, p. 10, grifos do autor).

A pluriversalidade de Ramose (2011) acrescenta pontos que são fundamentais à análise do discurso bakhtiniano, tais como valorização do sujeito histórico, a não imposição dos padrões de linguagem, valorização da diversidade cultural e da identidade múltipla. A literatura negro-brasileira propõe uma série de deslocamentos que contemplam os conceitos de Ramose (2011) e Bakhtin, tais como os assinalados pela pesquisadora Florentina da Silva Souza (2006):

construção de uma origem cultural de bases africanas; valorização de costumes, religião e outras tradições herdadas das culturas africanas; resgate de episódios históricos que evidenciam o comportamento heroico do negro no Brasil para a necessidade de assumir uma identidade afro-brasileira, insurgir-se contra o racismo e disputar o acesso aos espaços de poder. (SOUZA, 2006, p. 110)

A resposta de Cuti, porém, não obteve o mesmo resultado midiático do artigo de Ferreira Gullar em razão da diferença de alcance das duas mídias em que foram publicados.

## 5. O racismo nos espaços em disputa

Os dois artigos aqui analisados apresentam incompatibilidades discursivas que tratam da arena de disputa identitária no país. Ferreira Gullar (2011) apresenta a defesa da identidade mestiça e expõe o lugar do negro de forma estereotipada, enquanto Cuti (2011) desvela um discurso contra-hegemônico de um coletivo negro que tem como característica o não pertencimento a espaços de poder para reivindicar seus projetos, anseios e problemas, ou seja, participar dos principais debates que envolvem política, relações étnico-raciais etc. Deve-se atentar para o fato de que os discursos desses dois escritores estão atrelados às mídias às quais pertencem.

Assim, esbarra-se em um problema: há racismo no Brasil? A *Folha de São Paulo*, o *Portal Geledés* e seus respectivos colunistas divergem quanto à resposta. Logo, deve-se estar atento aos locais que ocupam e as suas posições no que diz respeito ao racismo no país. Para Antônio Sergio Alfredo Guimarães (2005):

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que, aqui, o racismo foi, até recentemente, um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado (GUIMARÃES, 2005, p. 39)

Entretanto, essa postura encobre a maneira como a mestiçagem foi incorporada ao pensamento brasileiro na virada do século XIX para o XX, pois, conforme Kabengele Munanga (2008), nossa sociedade deveria ser construída seguindo o modelo hegemônico racial e cultural branco, conduzindo à assimilação das outras raças e suas manifestações culturais, ou seja, “em nenhum momento se discutiu a possibilidade de consolidação de uma sociedade plural em termos de futuro, já que o Brasil nasceu historicamente plural” (MUNANGA, 2008, p. 85).

Quando o assunto é a existência de uma literatura negra, produzida por negros, Gullar (2011) afirma: “tenho dúvidas da pertinência de uma tal designação” e “falar de literatura brasileira negra não tem cabimento”; o colunista desconsidera a pluralidade e a constituição da população e literatura brasileiras. Na sua recusa, Gullar segue o que Stuart Hall (2011) menciona como rejeição ao descentramento da narrativa ocidental, pois:

é acompanhado por uma reação que vem do âmago das políticas culturais: a resistência agressiva à diferença; a tentativa de restaurar o cânone da civilização ocidental; o ataque direto e indireto ao multiculturalismo; o retorno às grandes narrativas da história, da língua e da literatura (os três grandes pilares da identidade e da cultura nacionais); a defesa do absolutismo étnico (...)” (HALL, 2011, p. 321-322).

Gullar desconsidera o processo desigual e excludente para os negros, inserido em um sistema colonial escravocrata e de abandono da população negra com o país tornado

republicano. Ele ignora que a “cultura popular negra é um espaço de contradição. É um local de contestação estratégica” (HALL, 2011, p. 323). O colunista diz que a “discriminação começa a surgir” na literatura, não analisa que “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2011, p. 26), que para os negros:

(...) Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa ‘associação civil’ foi inaugurada por um ato de vontade imperial. (...) A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial (HALL, 2011, p. 30).

Gullar recorre ao processo de harmonia da democracia racial ao dizer que:

A contribuição do negro à cultura brasileira é inestimável, a tal ponto que falar de contribuição é pouco, uma vez que ela é constitutiva dessa cultura. O Brasil não seria o país que o mundo conhece – e que nós amamos – sem a música que tem, sem a dança que tem, criada em grande parte pelos negros. Ninguém hoje pode imaginar este país sem os desfiles de escolas de samba, sem a dança de suas passistas, o ritmo de sua bateria, a beleza e euforia que fascinam o mundo inteiro. Uma parte dessas manifestações artísticas é também dos brancos, mas constituem, no seu conjunto, uma expressão nova no mundo, nascida da fusão dos muitos elementos de nossa civilização mestiça. Certamente, os estudiosos reconhecem que, sem o negro e sua criatividade, seu modo próprio de encarar a vida e mudá-la em festa e beleza, não seríamos quem somos. (GULLAR, 2011)

No discurso de Gullar estão os lugares que o negro deve ocupar, uma visão edênica, típica de Gilberto Freyre quando descreve as relações raciais. Dessa relação com Freyre e da harmonia nas relações etnicorraciais, Gislene Aparecida dos Santos (2002) observa que:

(...) Tudo se passa como se não houvesse luta, não houvesse revolta, não houvesse crime. A existência de quilombos não é explicada, a própria escravidão ganha caráter tão doce que é difícil imaginá-la hedionda e é difícil acreditar que os negros não a desejassem. Tudo é paz, tudo é harmonia, confraternização eterna entre os valores da senzala e os da casa-grande. A inexistência do conflito é descrita sobreposta à total passividade do negro, quer em se rebelar quer em impedir a sua exploração sexual (SANTOS, 2002, p. 159-160).

Gullar recorre ainda aos estereótipos do corpo-coisa, o corpo tatuado pelas marcas de um sistema hegemônico branco. Segundo Edmilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira M. Gomes, o corpo é um lugar social a partir dos seus vínculos com a sociedade (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 218). O corpo negro é um corpo tatuado com símbolos da esfera da natureza e “elaborou-se o discurso da exclusão, ao mesmo tempo que para os corpos brancos, situados na esfera da cultura, distinguiu-se o discurso da inclusão na vida social” (PEREIRA; GOMES,

2001, p. 222). A música, a dança, o carnaval, assim como o futebol, já que Gullar cita Pelé, são, segundo Cuti (2011), “o ‘lugar do negro’ que o branco racista determinou”; e a isso Gullar (2011) refere-se como “nossa civilização mestiça”, com os negros ocupando as posições de inferioridade e distante da produção do que seria nobre na cultura: a literatura. Cuti (2011) rebate essa assertiva ao dizer que “a produção intelectual não é tão somente uma exclusividade de brancos racistas, apesar de certa hegemonia ainda presente”. A respeito da ideia proferida por Gullar de uma “expressão nova no mundo, nascida da fusão dos muitos elementos de nossa civilização mestiça” (2011), próximo ao pensamento de outro teórico da mestiçagem e de um povo homogêneo, Darcy Ribeiro, Kabengele Munanga (2008) tece a seguinte crítica:

A ideia de uma nova etnia nacional traduz a de uma unidade que restou de um processo continuado e violento de unificação política por meio de supressão das identidades étnicas discrepantes e de opressão e repressão das tendências virtualmente separatistas, inclusive dos movimentos sociais que lutavam para edificar uma sociedade mais aberta e solidária (...)

O surgimento de uma etnia brasileira, capaz de envolver e acolher a gente variada que no País se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus quanto pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem (MUNANGA, 2008, p. 94).

O pensamento hegemônico brasileiro apresenta-se na constituição do cânone literário, uma vez que o fato de Gullar (2011) citar Cruz e Sousa e Machado de Assis como escritores negro e mulato, respectivamente, pois foram “herdeiros de tendências literárias europeias” e “não se pode afirmar que faziam ‘literatura negra’ por terem negra ou parda a cor da pele” demonstra argumentos que são combatidos por Cuti (2011), que pergunta: “o que dizer de Léopold Senghor e Aimé Césaire, principais criadores do Movimento da Negritude, embora herdeiros da tradição literária francesa?”. Ainda a respeito de Machado, apesar de ser considerado o maior escritor brasileiro, ele não é reconhecido como negro<sup>8</sup> e ainda assim foi acusado de omissos na defesa dos negros e da abolição, constatações rebatidas por Eduardo de Assis Duarte (MACHADO DE ASSIS, 2007). Enquanto Cruz e Sousa é considerado como um poeta que exalta as mulheres brancas, ignorando os seus poemas antirracistas como “Emparedado”, “Escravocratas”, “Caveira”, entre outros (CUTI, 2010). Gullar avança ao afirmar que os negros:

que para cá vieram na condição de escravos, não tinham literatura, já que essa manifestação não fazia parte de sua cultura.

Consequentemente, foi aqui que tomaram conhecimento dela e, com os anos, passaram a cultivá-la.

---

<sup>8</sup> Como exemplo, o comercial da Caixa Econômica Federal que precisou ser refeito após as manifestações do movimento negro. O primeiro comercial com o escritor branco, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5I1Wk>. Acesso em: 12 mar. 2023. O comercial refeito, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FBwJtxCsWyQ>. Acesso em: 12 mar. 2023.

Se é verdade que, nas condições daquele Brasil atrasado de então, a vasta maioria dos escravos nem sequer aprendia a ler (...). (GULLAR, 2011)

Ferreira Gullar ratifica o eurocentrismo e a hierarquia que desconsidera a literatura oral realizada pelas etnias africanas. Já a resposta de Cuti enfatiza que a população negra não aprendia a ler, “não é porque não queria. Era proibida. Há vários dispositivos legais e normas que comprovam isso”. Dentre outros, a Resolução Imperial n. 382 de 1º de julho de 1854, que determinava: “Art. 35 – Os professores receberão por seus discípulos todos os indivíduos, que, para aprenderem primeiras letras, lhe forem apresentados, exceto os cativos, e os afetados de moléstias contagiosas” (ROMÃO; CARVALHO, 2003, p. 66).

Os argumentos de Ferreira Gullar (2011) são rebatidos por Cuti e encontram respaldo em diferentes fontes, o que conduz este a dizer que: “Gullar, pelos seus argumentos, se coloca como um representante da encarquilhada maneira de encarar o Brasil sem a participação crítica do negro” (2011).

### **Considerações finais**

A partir da polêmica entre Ferreira Gullar e Cuti, o presente artigo procurou demonstrar, por meio do discurso das mídias, da análise do discurso bakhtiniano e dos estudos culturais e antirracistas, como os discursos hegemônicos procuram manter as suas formas de representação e de controle dos meios midiáticos, negando a pluralidade e a diversidade da formação étnico-racial brasileira. Para Carlos Moore:

(...) o racismo constitui um fator majoritário no universo onde ele se sustenta emocional e historicamente, permeando todas as camadas da sociedade. Os preconceitos, medos e ódios seculares que o racismo gerou ao longo dos tempos se têm enraizado no imaginário coletivo dos diversos povos e sociedades, formando incríveis labirintos de sentimentos inconfessos de repulsa automática contra o segmento de origem africana e de insensibilidade para com seus interesses e anseios (MOORE, 2012, p. 233).

Dessa maneira, a literatura negro-brasileira, enquanto força centrífuga, pode fornecer reflexões quanto à força centrípeta dominante, deslocando códigos, ressemantizando sentidos, reconfigurando o cânone estabelecido e estremecendo a ordem social vigente. Esta vertente literária apresenta a perspectiva do negro como sujeito da história, do narrador/sujeito lírico que traduz a experiência, a estética e a contranarrativa negras (HALL, 2011, p. 325). A literatura negro-brasileira traz para o embate identitário a potencialidade e a possibilidade do “e”, a lógica do acoplamento (HALL, 2011, p. 326). Ou seja, ser negro e brasileiro. Assim sendo, a literatura viabiliza o aparecimento de outros agentes étnicos e políticos na composição de um mundo em constante devir, que busca suas representações nesses espaços em disputa.

### Referências bibliográficas:

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CUTI. A empáfia de Gullar. **Portal Geledés**, 08 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/colunistas/12190-luiz-silva-cuti-a-empafia-do-poeta-goulart>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: 34, 2005.

GULLAR, F. Preconceito cultural. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/12790-preconceito-cultural.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo [antologia]**. 2. ed. rev. e amp. Organização, ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. **Ardís da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

RAMOSE, M. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. *In: Ensaios Filosóficos*, Volume IV, Outubro de 2011.

ROMÃO, J.; CARVALHO, A. A. M.. Negros e educação em Santa Catarina: retratos de exclusão, invisibilidade e resistência. *In: DALLA BRIDA, N. (org). Mosaico de escolas: modos de produção em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

SANTOS, G. A. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

**SOUZA, F. S. Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.**